

AS QUESTÕES DE PRINCÍPIO NÃO SÃO UMA QUESTÃO

Posted on 10. Februar 2020

Como a pseudo-afecção gerada pela mídia distrai dos valores humanos básicos.

*Um comentário de **Christiane Borowy**.*

Coronavirus, eleição na Turíngia, Julian Assange está na prisão, Markus Lanz faz má televisão - a cobertura dos últimos dias não tem mais a oferecer tematicamente. Em todos os meios, os mesmos poucos tópicos e noticiários são rumorizados. As emoções devem ser agitadas, mas a verdadeira empatia e a colocação de questões fundamentais de relevância social são simplesmente ignoradas. As questões essenciais não são colocadas em cima da mesa, porque afinal já se está "no pulso do tempo".

O desgaste do valor da notícia já ocorre ao estudar as manchetes. Quem é que ainda está seriamente surpreendido por, nas eleições, serem tomadas medidas preliminares para chegar ao poder? Alguém está surpreso que haja problemas se alguém não aderir a estas diretrizes? Quem ainda hoje se surpreende que existam sempre vírus da gripe, germes resistentes, ou doenças da nova civilização? Que pessoa informada está realmente surpreendida por Julian Assange estar na prisão e tanto a sua vida como a liberdade de imprensa estarem em perigo?

Portanto, estamos muito bem embalados em pseudo-afecções e, antes que nos apercebamos, já não estamos indignados por os valores humanos básicos estarem a desvanecer-se neste nevoeiro mediático.

Parecia haver alguma esperança. Em 06.02.2020 o Tagesschau (1) noticiou no início da noite um apelo à libertação de Julian Assange, iniciado entre outros pelo jornalista Günter Wallraff, ao qual se juntaram 130 artistas, jornalistas e Sigmar Gabriel. É feita referência ao Relator Especial da ONU Nils Melzer, que há algum tempo confirmou oficialmente que a condição geral de Assange é tão ruim que sua vida está ameaçada e que ele mostra sinais de tortura psicológica.

Isto é, naturalmente, uma grande surpresa, porque não antes de terem passado quase 8 anos para Assange sem liberdade e sem ar fresco do que os principais meios de comunicação social se aperceberam que se trata de liberdade de imprensa. O tema Assange e a liberdade de imprensa foi eliminado da mesa da grande imprensa até Assange ser declarado meio-morto por um relator especial da ONU, pelos pais, amigos e pela chamada "mídia alternativa" de Assange, só para depois relatar "altamente informativo", mas deixando de fora a metade de que Assange está preso em Belmarsh há um ano. Surge a impressão: não faz muito tempo, e nós, os meios de comunicação social, estamos na vanguarda da reportagem. Que grande hipocrisia!

Sigmar Gabriel é um dos signatários da proeminente campanha. Ele vê a segurança jurídica como estando em perigo. Mas Gabriel está falando de algo sobre a lei britânica, segundo a qual se tem que agir. Deve ser concedido a Assange o direito básico de se preparar para a sua defesa. Isso não foi dado. É esse o problema com o Assange? Estou a ver.

Que absurdos legais teriam de ser investigados em todo o caso não é sequer mencionado. Como pode até ser que os EUA exijam a extradição de um cidadão australiano não é interessante. Pelo contrário, o relatório está cheio de lacunas e ruma sobre a narrativa comum do caso Assange, dando a impressão de que Assange fugiu para a embaixada do Equador em 2012 por medo de consequências legais por trair segredos militares, e é imediatamente relatado que houve um mandado de prisão sueco por estupro contra ele na época. Nem uma única sílaba menciona que o processo sueco contra ele já teve de ser abandonado duas vezes.

Assange ajudou a publicar informações que ele próprio recebeu. Isto é ignorado. Também a pergunta básica: "O que é realmente o caso de Assange?" Nem sequer é sugerido. No relatório de dois minutos, o telespectador não consegue entender em absoluto o conteúdo. Pretende-se apenas dar a impressão de que a política e a mídia são contra a tortura e que se está lutando pela preservação dos direitos fundamentais. Afinal, o Relator Especial da ONU Nils Melzer toma a palavra, salientando que é pouco provável que Assange receba um julgamento legal justo nos EUA. A narrativa comum "Assange é uma figura criminosa algo sombria" não é tocada. Pelo contrário, Gabriel aponta explicitamente e com vergonha que não quer "passar um cheque em branco a Assange".

O que desaparece na bruma desta vela de nevoeiro mediática é que o caso de Assange põe fundamentalmente em causa as relações de poder e dominação que se estabelecem. O que Assange fez foi expor violações legais por parte dos governos, por exemplo, publicando o vídeo "assassinato colateral", que revela crimes de guerra. Aparentemente, isto não deve ser discutido em nenhuma circunstância. Afinal, a incerteza jurídica número um é que aqueles que cometem crimes de guerra permanecem completamente ilesos pelo poder judiciário. O elefante está na sala.

Mas este caso não é o único que mostra que a mídia não está nada interessada em esclarecer e fazer as perguntas fundamentais. O "terremoto político" alegadamente desencadeado pelas eleições na Turíngia é outro exemplo.

Merkel considera a eleição de Kemmerich um "evento imperdoável" foi a manchete do Süddeutsche Zeitung em 06.02.2020 (3). Merkel está mesmo a falar na África do Sul sobre a

nomeação de um homem do FDP para o gabinete ministerial com os votos da CDU e da AfD. Ora, ora, ora. Um escândalo. Alguém não jogou de acordo com as regras e queria poder e qualquer preço. O que há de tão especial nisso? Isso faz parte da política quotidiana. Mas o Chanceler está indignado. Peço desculpa? Desde quando é que este assunto está na agenda política? Que um político eleito deva agora ser obrigado a demitir-se, e como isto poderia ter acontecido, não é uma questão na mídia.

A questão fundamental de até que ponto as eleições realmente refletem a vontade política do povo ou como a política democrática realmente é simplesmente não está sendo feita. É aparentemente irrelevante que haja algo fundamentalmente errado com a política. Isso daria de facto motivo para indignação. Mas o chanceler está aborrecido com o quê exatamente? Por que existe uma "onda de choque" que supostamente abala o cenário político porque o comportamento de voto da CDU na Turíngia não foi coordenado com o líder do partido. O que é que eu, como cidadão, tenho que me afectar tanto?

O que o Chanceler está realmente a fazer na África do Sul? Esta questão é pelo menos minimamente abordada, mas o que a Alemanha e a "delegação económica seleccionada" têm a ver com o facto de a África poder "tomar o caminho directo para a produção de energia verde" permanece vago.

O que mais Annegret Kramp-Karrenbauer queria alcançar em segundo plano? Ela estava aborrecida, diz-se, que tinha previsto e avisado para colocar um candidato do FDP. Ela pede novas eleições, o "preço por ele é alto" é relatado no Tagesschau na manhã de 07.02.2020. Portanto, ela inicialmente se pronunciará contra novas eleições. Há apelos à liderança, da "gravidade da situação", do "baluarte contra a direita", e até suspeita que Kramp-Karrenbauer "não sobreviverá a isso" se não conseguir exercer pressão política de tal forma que as condições políticas na Turíngia sejam "claras" novamente. Que cáibra.

Outra pergunta que a mídia poderia muito bem fazer em vista do "escândalo" na Turíngia é se a democracia está fundamentalmente em perigo e como este problema poderia ser resolvido, mas eles preferem fazer um barulho alto da mídia que tudo é tão ruim porque ninguém na Turíngia ouviu os avisos de Kramp-Karrenbauer. Ora, ora, ora.

É importante se perguntar com cada relatório atual: O que não é perguntado? O que não está no relatório? É assim que se chega às perguntas essenciais que precisam de ser feitas.

No caso do coronavírus, por exemplo, pode-se perguntar se e quem se beneficia desta doença, se

existem conexões com a tecnologia militar e por que tais perguntas são imediatamente difamadas na mídia como "teorias absurdas de conspiração", para que ninguém se atreva a fazer perguntas.

Em um programa com Markus Lanz em 04.02.2020, o psicólogo social Harald Welzer aponta em relação à demanda por justiça social nos preços dos alimentos que com certas questões políticas que chegam aos políticos e aos meios de comunicação, é como se a questão fundamental da justiça social estivesse sendo colocada. Na realidade, no entanto, a questão social quase nunca está em cima da mesa. Porque é que, numa das sociedades mais ricas, muitas pessoas não podem pagar uma boa alimentação ou outras coisas básicas? Qualquer pessoa que viaje de metro ou comboio suburbano em Berlim ou outras grandes cidades terá uma impressão viva do estado de justiça social neste país. Por que uma sociedade rica não consegue assegurar que todos os seus membros possam levar uma boa vida?

Welzer deixa clara a resposta (6): Estas perguntas fundamentais não são feitas na política nem na mídia. Welzer vê isto principalmente como um "problema cultural". A sociedade deve ser repensada radicalmente. Mas nem a mídia nem a política têm interesse nisto.

O jornalista Jürgen Todenhöfer traz o problema à tona no título do seu livro "Die große Hypocrisy". Como a política e a mídia traem os nossos valores" (7).

Os excertos da cobertura mediática actual aqui analisados provam que Welzer e Todenhöfer têm razão. Os valores fundamentais como a justiça social, a paz, a democracia, a liberdade de opinião e de imprensa estão apenas aparentemente na agenda mediática e política e, por isso, são traídos e vendidos.

Fontes:

1. <https://www.tagesschau.de/ausland/assange-aufruf-101.html>
2. <https://www.rubikon.news/artikel/der-kollateral-mord>
3. <https://www.sueddeutsche.de/politik/thueringen-merkel-kemmerich-wahl-fdp-afd-1.4787003>
4. <https://www.tagesschau.de/inland/thueringen-fdp-cdu-103.html>
5. <https://mobil.stern.de/amp/gesundheit/coronavirus--diese-absurden-verschwörungstheorien-kursieren-9114612.html>
6. <https://www.youtube.com/watch?v=q6rzYMUmnc>
7. <https://www.buchkomplizen.de/Alle-Buecher/Die-grosse-Heuchelei-oxid.html?listtype=search&searchparam=j%C3%BCrgen%20Todenh%C3%B6fer>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Referência fotográfica: Ozerov / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK

BitCoin endereço: